

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ  
16 e 27 de junho de 2025

# THE LADY TAKES A SAILOR/ 1949

## *Até Parece Mentira*

Um filme de Michael Curtiz

**Realização:** Michael Curtiz/ **Argumento:** Everett Freeman/ **Fotografia:** Ted McCord/  
**Direcção Artística:** Edward Carrere/ **Montagem:** David Weisbart/ **Música:** Max Steiner/  
**Intérpretes:** Jane Wyman (Jennifer Smith), Dennis Morgan (Bill Craig), Eve Arden (Susan Wayne), Robert Douglas (John Tyson), Allyn Joslyn (Ralph Whitcomb), Tom Tully (Henry Duckworth), Lina Romay (Raquel Riviera), William Frawley (Oliver Harker), Craig Stevens (Danvers), Fred Clark (Victor Sangell), etc.

**Produção:** Harry Kurnitz, para a Warner Bros./ **Cópia:** 16mm, preto e branco, legendada electronicamente em português/ **Duração:** 98 minutos/ **Estreia Mundial:** Nova Iorque, 16 de Dezembro de 1949/ **Estreia em Portugal:** cinema Tivoli, 19 de Abril de 1951

\*\*\*\*\*

Desde a sua estreia no cinema em 1937, num pequeno papel em **Ready, Willing and Able** de Ray Enright, até meados da década de 40, Jane Wyman passou vários anos em trabalhos secundários ou como principal nalgumas séries B. Data dessa fase o seu primeiro encontro com o galã de **The Lady Takes a Sailor**, Dennis Morgan: foi em 1941 em **Bad Men of Missouri**, também de Ray Enright. Voltariam a encontrar-se, antes do filme que vamos ver, em **One More Tomorrow/Quero-te**, de Peter Godfrey (1946) e **Cheyenne/Feras Sangrentas**, de Raoul Walsh (1947). Foi durante este período que encontrou também aquele que seria seu marido e futuro presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, que, como ela, fazia parte do «quadro» artístico da Warner Bros., tendo trabalhado juntos nos filmes **Brother Rat/O Diabo São os Rapazes**, de William Keighley (1938) e **Brother Rat and a Baby/Um Miúdo dos Diabos**, de Ray Enright (1940). A notoriedade para Jane Wyman só viria 11 anos após a sua estreia, em 1948, quando conquistou o Oscar da melhor actriz pelo seu trabalho em **Johnny Belinda/Belinda, a Escrava do Silêncio**, de Jean Negulesco, típico «weapie» lacrimajante que se tornaria o modelo dos seus grandes sucessos dos anos cinquenta, às ordens de Douglas Sirk (**Magnificent Obsession/Sublime Expição**, **All That Heaven Allow/O Que o Céu Permite**), de Curtis Bernhardt (**The Blue Veil/O Véu Azul**), Robert Wise (**So Big/Vida da Minha Vida**) e Rudolph Maté (**Miracle in the Rain/Milagre à Chuva**).

**The Lady Takes a Sailor**, que na carreira da actriz antecede o seu encontro com Hitchcock em **Stage Fright/Pavor nos Bastidores**, é uma das poucas tentativas de levar a actriz para o campo da comédia, após a conquista do Oscar, primeiro com A

**Kiss in the Dark/Um Beijo no Escuro**, de Delmer Daves (1949), e depois com **Here Comes the Groom/A Sorte Bate à Porta**, de Frank Capra e **Three Guys Named Mike/Uma Noiva Para Três**, de Charles Walters, ambos de 1951. Depois foi a «mina» dos «tearjerkers» a que se seguiu o trabalho para a televisão, onde ganhou grande popularidade na série *Falcon Crest*. Este filme e **Stage Fright** marcam o fim do contrato da atriz com a Warner, com uma carreira independente a partir de agora graças ao fim do poder dos estúdios com a entrada em vigor da lei anti-trust. O que a atriz (e muitos outros) fizeram, foi também destino (ou opção) de realizadores que se encontravam ligados por longos contratos com os estúdios. Michael Curtiz, que era praticamente uma «imagem de marca» da Warner seguiria em breve o mesmo caminho: em 1954, após **The Boy From Oklahoma/Um Desconhecido na Cidade**, Curtiz iniciaria a fase final da sua carreira como independente dirigindo para a 20th Century Fox, **The Egyptian/O Egípcio**. Mas **The Lady Takes a Sailor** é, ainda, um típico trabalho de Curtiz para a Warner, um filme com todos os sinais de uma produção «em série», inscrito numa fórmula que era a de rentabilizar actores contratados e temas sem grandes problemas.

Típico produto de «série», **The Lady Takes a Sailor** é um filme que se pode incluir facilmente num género bem conhecido, a «screwball comedy», ao tempo já um pouco em desuso (como toda a comédia da época, com a excepção da musical que saía da MGM), que tivera o seu momento de maior esplendor na década de 30, mas que ainda consegue divertir graças, principalmente ao «savoir faire» de Curtiz que lhe incute o seu ritmo próprio, e um grupo de secundários que conseguem entrar bem no espírito da comédia, em especial a sempre magnífica e incontornável Eve Arden. Não se pode dizer o mesmo, porém, do par romântico, tanto no que se refere a Jane Wyman (como já dissemos, a comédia não foi o seu forte) como a Dennis Morgan acabado de sair da série de comédias musicais com o seu compincha Jack Carson, com **Two Guys From Texas/Dois Aventureiros do Texas**, e que sempre pareceu mais à vontade nos westerns B que fez. Jane Wyman é Jennifer Smith, directora de uma associação de consumidores que vê ser posta em causa a sua posição ao contar uma história em que ninguém acredita (daí o título português): que fora salva da tempestade que a apanhara no alto mar por um homem misterioso a bordo de um submersível e que acabara por acordar abandonada na praia. Apesar de todas as infirmações e indicações o estranho não é identificado, e todos pensam que se trata de uma «invenção». Certo dia julga ver o referido estranho e é a partir daí que **The Lady Takes a Sailor** entra verdadeiramente no ritmo «screwball», onde não faltam alguns divertidos momentos de puro burlesco, embora qualquer deles já com sinais notórios de «dejà vu»: a perseguição de carros nas ruas da cidade, com alguns pormenores que lembram os burlescos de Mack Sennett, e as cenas perto do fim na casa da praia com os acidentes de que é vítima o director de Jennifer, John Tyson, um inesperado, neste tipo de situações, Robert Douglas que estamos mais habituados a ver como vilão (**The Flame and the Arrow/O Facho e a Flecha**).

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico